

MOVIMENTOS SOCIAIS E AÇÃO SOCIAL: PROPOSTAS TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DAS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

*Filomena Luciene Cordeiro Reis**

*Rosemere Freire Fonseca***

Resumo: Este artigo tem como objetivo, estabelecer uma interlocução teórica entre as perspectivas de análise sociológica centrada nos paradigmas da Teoria de Mobilização de Recursos (TMR) norte-americana e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), sendo esta uma das abordagens europeias, ambas relacionadas à modernidade. Realizou-se também uma relação entre as teorias citadas e as concepções teóricas de Max Weber sobre ação social e relação social, que são parâmetros de aproximação na atualidade, para diversas análises sociológicas. O assunto comporta, ainda, um breve olhar sobre o associativismo na Comunidade Sagarana, noroeste de Minas Gerais, durante o período de ζ a ζ . Para tal, foram utilizadas como aporte teórico as reflexões de Angela Alonso, Maria da Glória Gohn e Ilse Scherer-Warren.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais; Teoria de Mobilização de Recursos; Ação Social; Relação Social.

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2013) e Mestrado em História pela Universidade Severino Sombra (2005). Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994), pós graduação *lato-sensu* em Ciências Sociais pela Unimontes e Gestão da Memória: Arquivo, Patrimônio e Museu pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Unimontes. Tem experiência na área de História e Arquivo, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia, cidade, memória, patrimônio cultural, arquivo.

** Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – *Campus Arinos*- Bolsista do PBQS.

Abstract: This article aims to establish a theoretical dialogue between the perspectives of sociological analysis focused on the paradigms of the Resource Mobilization Theory (RMT) and the New Social Movements Theory (NSMT), being the former American and the latter European but both related to modernity. Moreover, it has been established a connection among the already mentioned theories and Max Weber theoretical conceptions, Social action and Social relations, that are parameters several sociological analysis currently. On the top of that, was taken a brief look at the associativism in Sagarana Community, in the Northeast of Minas Gerais. For such, it has been used as theoretical subsidy the considerations of Angela Alonso, Maria da Gloria Gohn and Ilse Scherer-Warren.

Keywords: Social Movements; Resources Mobilization Theory; Social Action; Social Relation.

Resumen: Este artículo pretende establecer un diálogo entre las perspectivas teóricas de análisis sociológico centrado en los paradigmas de la teoría (TMR) la movilización de recursos y la teoría de los nuevos movimientos sociales (TNMS), siendo este uno de los métodos europeos, ambos relacionados con la modernidad. También hubo una relación entre las teorías citadas y concepciones teóricas de Max Weber sobre la acción social y relación social, que son parámetros de aproximación, para una variedad de análisis sociológico. Incluye una breve mirada a las asociaciones de la comunidad al noreste de Minas Gerais Sagarana, durante el período de qué hacer. Con este fin, fueron utilizados como contribución teórica las reflexiones de Angela Alonso, Maria da Glória Gohn y Ilse Scherer-Warren.

Palabras clave: Movimientos sociales; Teoría de la movilización de recursos; Acción social; Relación social.

Análise da Ação Social e da Relação Social na Concepção Weberiana

Considerando a natureza das Teorias de Ação Social e da Relação Social, do sociólogo Max Weber, entende-se como ação social todo comportamento humano de cunho relacional com um sentido, ou seja, que produz percepção e reconhecimento, sendo este, uma interface em relação ao comportamento do outro. Esta é uma relação bilateral de proporções subjetivas, no entanto, para que haja ação social, determinada situação do cotidiano deve produzir um sentido que,

consciente ou inconscientemente, orienta o comportamento alheio na transformação social. Sendo assim, Weber corrobora com a ideia ao explicar que,

a ‘ação social’, portanto, é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento.(...) (incluindo tolerância ou omissão) as quais podem ser ações passadas, presentes ou esperadas como sendo futuras (por exemplo: vingança por ataques anteriores, réplica a ataques presentes, medidas de defesa diante de ataques futuros) (WEBER,1995, p. 415).

As relações sociais aqui estabelecidas serão orientadas pela produção de significados. Nota-se que, o comportamento humano se converterá em ação social, quando este, conduzido pelo contato físico, ou não, com o outro, produz um sentido. Assim como definido por Weber, as ações sociais não são idênticas ou homogêneas em sua totalidade e, nem toda ação é influenciada pelo comportamento alheio (WEBER, 1995).

Interpretar a ação social é um dos eixos norteadores da concepção weberiana para a sociologia compreensiva¹ ou interpretativa. Weber apresenta, então, as “razões que definem a ação social”, isto é, como o comportamento humano estabelece conexões de sentido, pois, se não houver conteúdos de sentido, ou seja, um objetivo com um fim a ser alcançado, não é ação social. Segundo ele, as ações são determinadas:

1) de modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como “condições” ou “meios” para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso; 2) de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor - ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação - absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado (WEBER, 2004, p.15).

Apreendemos, portanto, que as ações sociais são dotadas de intenções. Weber, ao classificar tais ações, propõe uma análise da ação humana de modo racional, baseada em fins na qual se pretende um alvo, isto é, a capacidade de realizar um

¹ Trata-se de sociologia compreensiva aquela que se refere à análise dos comportamentos movidos pela racionalidade dos sujeitos com relação aos outros. Esta teoria está exposta em: WEBER, 1995, p.315.

objetivo estabelecido. E, referente a valores, quando o sentido da ação está proporcionalmente ligado ao sentimento de pertencimento a determinado grupo, não importando as consequências da ação, mas a própria ação em si. Dessa forma,

(...) age de maneira racional referente a fins quem orienta sua ação pelos fins, meios e consequências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às consequências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si (WEBER, 2004, p.16).

E ainda,

(...) age de maneira puramente racional referente a valores quem, sem considerar as consequências previsíveis, age a serviço de sua convicção sobre o que parecem ordenar-lhe o dever, a dignidade (...) ou a importância de uma “causa” de qualquer natureza (WEBER, 2004, p.15).

Com efeito, consideramos que interpretar e captar o sentido das ações, que são carregadas de propósitos e intenções, é uma forma de simplificação de uma realidade complexa, cuja dimensão real impulsionará a construção de uma teia de relações fundamentada em comportamentos individuais.

Outro conceito importante para esta análise é o de relação social. Como definido por Weber, trata-se de um,

(...) comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade (WEBER, 2004, p.16).

Partindo desse conceito, entendemos que, a relação social busca estabelecer, dentro de um grupo, laços com finalidades compartilhadas nos quais, os envolvidos compreendem o sentido das ações e nestas balizam, ou não, suas condutas.

A relação social orienta o agir racionalmente em torno de expectativas comuns. Um exemplo na percepção dos diferentes tipos de agir é a Comunidade Sagarana²,

² A Comunidade Sagarana é objeto de estudo do Projeto de Mestrado em Sociologia Política denominado *Em cada vereda uma memória: assentados no sertão de “Sagarana” em Arinos- Minas Gerais, 1974-2013*, da mestranda Rosemere Freire Fonseca, em andamento no período de 2013-2015 .

assentamento rural, instituído e regulamentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), em 1974. Localiza-se no Vale do Rio Urucuia, município de Arinos, região noroeste de Minas Gerais.

Percebe-se na comunidade, o agir referente a fins que, estruturado em torno da associação denominada Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão (CRESERTÃO), busca estimular e fomentar projetos na perspectiva de auxiliar o grupo a se desenvolver econômica e socialmente.

Com relação ao agir referente a valores, nota-se a produção de sentido nas ações que orientam as relações sociais dessa comunidade. Seus integrantes são estimulados a um agir coletivo em torno de aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos. Assim, partilham responsabilidades, elaboram estratégias e constroem valores coletivos, baseados em sentimentos de solidariedade e de compromisso, em torno de variadas questões como, por exemplo, as ambientais. A Estação Ecológica de Sagarana, gerenciada pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF), possui em seu conselho consultivo representantes da sociedade civil. Uma das ações do IEF é a formação e capacitação de brigadistas no combate ao fogo na Estação Ecológica e em seus entornos, denominada zona de amortecimento, composta por vários agricultores de Sagarana. Existe também a atuação da Cooperativa de Agricultores Familiares (COPABASE), com sede no município de Arinos, a qual há vários agricultores da comunidade associados. A COPABASE possui os denominados Agentes de Desenvolvimento Rural Sustentável (ADRS) com atuação presente na comunidade.

Este conjunto de instituições com seus recursos humanos somados aos agricultores e população é que têm atuado de forma integrada, estimulando as relações sociais no alcance do bem coletivo.

O estudo dessas organizações em contexto local permite uma análise da densidade relacional do seu objeto, objetivos e impactos comunitários. Com base no agir das relações, identificam-se dois tipos distintos de agrupamento, denominados por Weber como:

(...) relação comunitária ‘quando e na medida em que a atitude na ação social
(...) ou no tipo puro – repousa o sentimento subjetivo dos participantes de

pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo'(...) e relação associativa quando e na medida em que a atitude na ação social repousa num ajuste ou numa união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins). (...) pode repousar especialmente (mas não unicamente) num acordo racional, por declaração recíproca (WEBER, 2004, p.25).

Em uma relação comunitária, o sentido do agir se estabelece baseado nas expectativas que temos em relação ao comportamento dos outros e se fundamenta em laços afetivos, emocionais ou tradicionais e na probabilidade de que seus integrantes ajam racionalmente e se sintam pertencentes ao grupo.

Já a relação associativa, dotada de personalidade e orientada por regulamentos racionais, surge para satisfazer aspirações e necessidades, levando em consideração a existência de normas e buscando objetivos comuns.

Sobre os tipos de relação comunitária e associativa, Weber ainda esclarece que:

a grande maioria das relações sociais, porém, tem caráter, em parte, comunitário e, em parte associativo. Toda relação social, por mais que se limite, de maneira racional, a determinado fim e por mais prosaica que seja (...) pode criar valores emocionais que ultrapassam o fim primitivamente intencionado (WEBER, 2004, p.25).

As relações associativas, constituídas a partir da união de forças sociais em prol de interesses comuns, tornam-se uma formação social duradoura, institucionalizada, conforme aborda Scherer-Warren: “Essas forças associativas são expressões locais e/ou comunitárias da sociedade civil organizada (...) tendo em mente valores ou objetivos ou projetos em comum (...) constituindo uma rede de movimento social³” (SCHERER-WARREN, 2006, p.110).

Nesse contexto percebemos, no pensamento weberiano, uma aproximação entre as teorias de Mobilização de Recursos (TMR) e dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) que, na busca por oferecer uma explicação mais precisa das ações humanas, possibilitam estabelecer uma conexão entre as ações e as formas de rela-

³ “Pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER- WARREN, 2006, p.113).

ções sociais, partindo de um olhar coletivo, não mais restrito ao indivíduo, mas rompendo o isolamento e situando-o neste novo contexto de relações nas quais cada indivíduo possui um sentimento de identidade compartilhada com os outros.

A partir das novas teorias TMR e TNMS, os atores sociais não agem somente em função de seus interesses, mas sim, de normas e valores coletivos que se respaldam na concepção weberiana.

Ao analisar o estudo evolutivo e as várias abordagens em torno dos movimentos sociais que produziram, não um, mas vários conceitos sobre o tema, cada qual procurando enfatizar e relacionar sua matriz às manifestações sociais, se percebe, de forma mais clara, a grandiosidade de sentidos e significados que envolvem a natureza dos movimentos. Maria da Glória Gohn, ao definir movimentos sociais como “ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2008, p.335), ratifica que, o sentido de uma ação coletiva está diretamente relacionado à organização e mobilização do grupo que, objetivando conseguir propósitos afins, luta para mudar a ordem social existente, ou parte dela, e influenciar os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos, constituindo, pois, um núcleo identitário na defesa de mudanças sociais, fruto da vontade coletiva.

Os movimentos sociais aqui são entendidos como uma parte da engrenagem social que, dotados de intenções são, o alicerce da ação social. As diversas abordagens em torno de tais movimentos são estimuladas pelas mudanças ocorridas nos grupos e em seus comportamentos de mobilização coletiva e/ou política. Para Scherer-Warren,

os movimentos sociais (...) podem ser definidos como redes sociais complexas que conectam, simbólica e solidaristicamente, sujeitos e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico de identificações éticas e culturais, intercâmbios, negociações, definição de campos de conflitos e de resistência aos adversários e aos mecanismos de exclusão sistêmica na globalização (SCHERER-WARREN, 1998, p.22).

A mobilização da sociedade em torno de novas conquistas, direito civil e cidadania, pacifismo, feminismo, entre outras, promove diversas manifestações a partir

dos anos de 1960, que foram se tornando notórias e se intensificaram. As forças que surgiam no interior da sociedade conquistaram um espaço de luta fora das instituições políticas clássicas (partidos, sindicatos, entre outros). Alonso acrescenta que, naquele contexto,

essas demandas (...) se completavam com a opção por formas diretas de ação política e pela demanda por mudanças paulatinas na sociabilidade e na cultura, a serem logradas pela persuasão, isto é, léguas longe da ideia de tomada do poder de Estado por revolução armada. Então eram, sim, movimentos, mas movimentos sociais (ALONSO, 2009, p.51).

Deve-se considerar os movimentos sociais como ações coletivas organizadas, nas quais, os protestos, as experiências associativas e a capacidade de mobilização se materializaram, ganharam notável complexidade e se tornaram visíveis.

Assim como Weber ressalta a importância de compreender as intenções e motivações dos indivíduos que vivenciam certas situações sociais, as análises dos movimentos sociais baseadas na Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), paradigma norte-americano, e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), que é uma das abordagens teóricas europeias, foram as que mais se atentaram para entender a dinâmica desse processo, marcado por demandas tão variáveis, específicas e, às vezes, tão peculiares, como, por exemplo, a luta pela conservação da biodiversidade do cerrado na já citada Comunidade Sagarana. Mas, o que diferencia a TMR da TNMS?

Teoria da Mobilização de Recursos

A TMR nasce nos Estados Unidos na década de 1960, consoante Gohn, com a finalidade de explicar os novos movimentos sociais desde sua concepção, desenvolvimento e estrutura organizacional. O termo TMR tem em sua abordagem inicial, teóricos como Anthony Oberschall, Mancur Olson, John McCarthy, Mayer N. Zald, entre outros, que, apoiados em questões econômicas e na escolha racional, buscam analisar os problemas sociais (GOHN, 2012).

Seus teóricos defendem, como objetivo maior, a ação coletiva no nível organizacional a partir de uma articulação racional dos indivíduos, baseada em benefícios e cus-

tos, sendo a participação diretamente ligada à mobilização de recursos e sua organização formal, deixando de fora valores, ideologias, projetos, cultura e identidade. Para Gohn,

a variável mais importante da MR, como o próprio nome indica, é a dos recursos: humanos, financeiros e de infraestrutura variada. Os movimentos surgiriam quando os recursos se tornassem viáveis. (...) quando se estruturam oportunidades políticas para ações coletivas, assim quando facilidades e líderes estão em disponibilidade (GOHN, 2012, p.50 e 51).

Na amplitude do termo “recursos”, facilitador do movimento, destaca-se a importância daqueles que conduzem o processo, sendo sua responsabilidade a mobilização, mesmo considerando que, a adesão entre membros, em torno de um ideal comum, costuma acontecer de forma voluntária. As lideranças se destacam como condutoras para a organização, lançando mão dos meios necessários e adequados para estabelecer os vínculos externos e alcançar os objetivos previamente definidos.

Assim sendo, a capacidade de mobilização é um dos fundamentos na categorização de um movimento social. Gohn conclui que:

Os movimentos que teriam sucesso seriam aqueles que possuísem atributos de uma organização formal e hierárquica. Seus líderes eram seus organizadores: profissionais com dedicação integral ao trabalho e a capacidade para mobilização efetiva de suportes externos (...) (GOHN, 2004, p. 52)

Direcionando a análise para uma visão weberiana, pode-se considerar a TMR como uma “relação associativa” que, baseada em uma interação lógica precedida de cálculos racionais, que vislumbra possíveis ganhos e benefícios em função dessa união. Trata-se de uma “(...) união livremente pactuada e puramente orientada por determinados fins” (WEBER, 2004, p.25). É uma ação de caráter racional e utilitarista.

A TMR, em sua racionalidade, procura afastar-se do agir emocionalmente, transformando a decisão de agir num “resultado de cálculo racional entre benefícios e custos” (ALONSO, 2009, p.52), o que confirma o caráter de uma união racional referente a fins que se fundamenta em expectativas e relações exteriores ao seu comportamento na conquista de objetivos.

Percebe-se que, os diversos teóricos que participam da TMR enfatizam que os movimentos sociais se expressam através de uma organização burocrática, como é o caso do CRESERTÃO, instituição constituída com a finalidade de mobilização social dentro da Comunidade Sagarana. A adesão não se restringe à espontaneidade, mas suas mobilizações são conduzidas de forma ordenada, às vezes, com divergência, mas com uma visão clara de seus fins. Trata-se de abrir mão das pretensões individuais em prol de melhores possibilidades dentro de uma sociedade marcada pela competitividade.

O paradigma norte americano, com um foco restrito inicialmente, baseado em custo-benefícios, foi alvo de severas críticas por autores como Myra Marx Ferree, Jean Cohen e outros que expressaram a fragilidade da Teoria, quando esta excluía “valores, normas, ideologias, projetos, cultura e identidade dos grupos sociais estudados” (GOHN, 2012, p.55). No entanto, ainda é um consistente parâmetro para se analisar os movimentos sociais a partir de uma perspectiva que seja fruto de articulações de interesses racionais.

Teoria dos Novos Movimentos Sociais

Por outro lado, a TNMS, legitimamente europeia, tem como representantes, Alain Touraine, Jürgen Habermas, Alberto Melucci e outros teóricos contemporâneos, que retomam a dimensão cultural, baseada em valores compartilhados na construção da identidade e na explicação da realidade social (GOHN, 2012).

Contrariamente ao paradigma anterior, a TNMS e seus autores afirmam que, a ação coletiva não se limita as trocas, negociações e cálculos estratégicos de custos-benefícios. Os novos movimentos sociais têm em sua gênese um fundamento central: a ideologia. Não a ideologia marxista (pensada como consciência de classe em que, o econômico prevalece sobre os aspectos culturais e políticos), mas, uma ideologia que parte das ações individuais. Esses, denominados agora, atores sociais, têm como papel principal, dar sentido à ação, possibilitando assim, informações sobre o agir social e delineando uma identidade coletiva.

Os “novos” movimentos sociais se diferenciam dos “velhos”, principalmente no

que se refere a sua dinâmica de ação, seus valores e seus atores que, através do movimento, se fazem sujeitos de transformações históricas. Percebe-se, entre seus integrantes, “novos” interesses que, norteados por reivindicações cotidianas como, identidade sexual, aborto, condições de vida, entre outras, são alvos de suas mobilizações. Na realidade, trata-se de demandas antigas que adquiriram um caráter emergencial diante das rápidas transformações da sociedade.

Estes movimentos desvelaram a pluralidade das forças conflitivas, que se estabeleceram no interior da sociedade e inflamaram um pensar político voltado para a vida e o espaço das práticas sociais. Proporcionaram, também, um deslocar de olhares para a compreensão de certos movimentos contemporâneos, cujas lutas se desenvolvem ligadas a questões políticas e culturais (simbólicas e identitárias).

A TNMS se ancora num campo cultural formando laços de confiança e solidariedade⁴. Angela Alonso afirma que,

(...) os novos movimentos sociais defenderiam formas autogestionárias, novos modelos participatórios e a criação de “contrainstituições”, protegidas da influência dos partidos de massa, da indústria cultural e da mídia, nas quais a comunicação livre fosse possível. Fariam, então, uma “política expressiva”, desvinculada de qualquer demanda por bens ou cargos políticos, e voltada para a afirmação de identidades e para a preservação da autonomia e de formas de vida sob ameaça da racionalização sistêmica levada a cabo pelo Estado e pelo mercado (ALONSO, 2009, p.63).

Sob essa perspectiva, os movimentos sociais, cuja ação coletiva se estabelece através da interação de objetivos, não estariam necessariamente vinculados a propósitos de inclusão políticos ou financeiros, mas, na intencionalidade da formação identitária. A mídia será usada como forma de convocar a opinião pública a favor das mobilizações e como forma de pressão sobre os órgãos institucionais. Assim, a TNMS pressupõe uma “relação comunitária”, que se caracteriza pelo sentimento do indivíduo de pertencer ao mesmo grupo. Trata-se de uma ação racional referente a valores baseada em convicções e fidelidade que, às vezes,

⁴ Nesse sentido solidariedade é descrita como ligação recíproca entre pessoas independentes, pertencentes a mesma unidade social (BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000. p.724).

ignora os efeitos da conduta. Alonso afirma que,

Os novos movimentos sociais seriam, então, formas particularistas de resistência, reativas aos rumos do desenvolvimento socioeconômico e em busca da reapropriação de tempo, espaço e relações cotidianas. Contestações “pós-materialistas”, com motivações de ordem simbólica e voltadas para a construção ou reconhecimento de identidades coletivas (ALONSO, 2009, p.64).

Inevitavelmente, a articulação dos novos movimentos sociais está diretamente relacionada a um processo de reação política, na busca por caminhos alternativos na construção de outra realidade, em que protestos, descontentamentos e lutas pelos direitos civis são impulsionadores legítimos para o entendimento das mudanças e conquistas sociais. É assim que, cada ator social se identifica como parte do corpo coletivo, enquanto mantém sua própria identidade como militante individual. “O ativismo de hoje tende a protagonizar um conjunto de ações orientadas aos mais excluídos, mais discriminados, mais carentes (...). A nova militância passa por essa nova forma de ser sujeito/ator” (SCHERER-WARREN, 2006, p.120-121). Nota-se que, as relações sociais se constituem a partir das necessidades e dos interesses que outrora foram negligenciados.

Ao apresentamos a TMR e a TNMS como paradigmas teóricos para análise dos movimentos sociais, buscamos relacioná-las a aspectos micro da vida cotidiana da Comunidade Sagarana e a mobilização coletiva na construção de projetos voltados para a sustentabilidade. Portanto, tais paradigmas quando articulados permitem-nos uma análise mais profunda de como se fundamentam as ações e as relações sociais a partir de um contexto micro para macrosocial.

Considerações finais

A análise dos movimentos sociais integrado às formulações da TRM e TNMS e sua relação aos conceitos ação social e relação social de Max Weber fornece-nos subsídios para uma compreensão mais abrangente em torno da ação coletiva. A complexidade da ação social e a atuação dos atores sociais baseada em fins e valores se esclarecem, quando analisadas de forma agregada às teorias correntes.

Sob essa perspectiva, esses paradigmas, apesar de suas diferenças são conciliáveis, pois, oferecem pontos de vistas distintos para se interpretar a complexidade dos movimentos sociais e suas (re)configurações neste século XXI. Permitem-nos ainda, entender os sentimentos, valores, regras e intenções que ocorrem no interior das relações e como estas se exteriorizam.

É perceptível que a modernização seja ela econômica, política ou cultural, exerce grande influência nas mudanças dentro da sociedade civil. Essas têm, de certa forma, se refletido no interior das comunidades, intervindo nas identidades coletivas. Conduzidas por uma racionalidade solidária e participativa, formulação clássica da Teoria de Ação Social de Weber, tem dado sentido a análise da condução do processo democrático e às demandas dos movimentos sociais, buscando novas estratégias para suas conquistas.

Esse o caso citado da Comunidade Sagarana, que tem como objetivos principais, o fortalecimento do grupo e a conservação da sociobiodiversidade local, sendo estes, os pontos chaves ao se estabelecer relações do tipo comunitária e associativa naquele contexto. Através do associativismo, percebe-se também, o protagonismo da comunidade ao buscar seu autodesenvolvimento. Nesse sentido, nota-se a cooperação intensa da sociedade local, que se mobiliza na busca por recursos diversos e na geração de benefícios para todos, fortalecendo os laços e o sentimento de pertencimento, o que possibilita o desenvolvimento local no sentido mais pleno da expressão.

Percebemos que, as diferentes formas de relações sociais, sejam elas, comunitárias ou associativas, referente a fins ou valores, bem como a articulação entre elas, são cada vez mais necessárias para que, as mobilizações ganhem força e maior visibilidade, alicerçando assim, as alianças populares em torno de demandas singulares e vice-versa.

Entendemos que, os movimentos sociais e as relações que se estabelecem no seu interior são um campo clássico de análise para as Ciências Sociais. Trata-se de um tema que, antes mesmo da década de 1960, era foco de estudos, despertando indagações e reflexões. Agora, diante da modernização e dos seus reflexos no quadro dos movimentos sociais, percebemos o aumento e a renovação dos

paradigmas em torno da temática. Uma das intenções é entender como se dão as novas estratégias de lutas e como a ação racional, seja referente a fins ou a valores, se articula.

Referências

ALONSO, Angela. As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. In: **Revista Lua Nova**, São Paulo, 2009, p.49-86. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> acesso em: 15 jul. 2013.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000. p. 724.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 16. 2011, p.333-361, 512-513. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf>> Acesso em: 15 jul. 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol.1. Brasília: Editora UnB, 2004.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. Parte 2. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

WARREN, Ilse Scherer. KRISCHKE, Paulo J. **Uma Revolução no cotidiano?: os movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. In: **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 21. Brasília, 2006, p.109-130. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf>> Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. Movimentos em cena: e as teorias por onde andam? In: **Revista brasileira de educação**, 1998, p. 16-29. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf>> Acesso em: 17 jul. 2013.